

O RETORNO DO CAMARÃO CULTIVADO NO BRASIL AO MERCADO EUROPEU

ITAMAR ROCHA

Embora no contexto das importações globais de proteínas de origem animal de 2011 (US\$ 46,4 bilhões) o Brasil tenha contribuído com US\$ 15,8 bilhões (34%), quando se analisa o quadro das importações de pescado, considerando apenas as importações dos Estados Unidos, Europa e Japão (US\$ 120 bilhões), a contribuição brasileira foi de apenas US\$ 250,9 mil (0,21%). Da mesma forma, no segmento de camarão, o valor das importações mundiais em 2011 foi de US\$ 14,9 bilhões, cuja participação do Brasil foi US\$ 900 mil (0,6%).

A situação atual do setor pesqueiro brasileiro, cujo principal destaque foi a importação de US\$ 1,23 bilhão de pescado de dezenas de países em 2012, contribuiu para um déficit de US\$ 993,38 milhões na balança comercial, mostrando a necessidade de se encontrar um caminho que leve a superação dos entraves que, equivocadamente, interferem no desenvolvimento da aquicultura e carcinicultura, atividades que podem transformar as condições sociais e econômicas do setor rural litorâneo e interiorano da Região Nordeste, de forma especial e, do Brasil, de uma maneira geral.

A importância do camarão cultivado para o Brasil pode ser melhor avaliada quando se leva em consideração que as exportações apresentaram um desempenho extraordinário entre 1998 (400 toneladas/US\$ 2,8 milhões) e 2003 (58.450 toneladas e US\$ 226 milhões), quando ocupou o 2º lugar na pauta das exportações do setor primário da Região Nordeste, com uma participação de 55% das exportações de pescado do Brasil (US\$ 427,92 milhões). Nesse contexto, se ressalta ainda, o fato de que no referido ano, o camarão brasileiro ocupou o primeiro lugar das importações de camarão pequeno e médio (61-70 e 71-UP) dos Estados Unidos seguido pela China, Tailândia e Equador. De forma semelhante, em 2004 e 2005, o camarão cultivado no Brasil ocupou o primeiro lugar das importações de camarão tropical da União Europeia, tendo como destaque as importações da França, o

mercado mais exigente, que participou com 28%, seguido por Madagascar com 12% e Equador com 7% e, as importações da Espanha, cuja participação foi de 12%, suplantada apenas pelo camarão da Argentina com 14% e seguido pelo Equador com 7%.

No entanto, pela falta de uma política pública consistente, de apoio ao setor pesqueiro e carcinicultor, as exportações brasileiras de camarão e pescado, a partir de 2006, já sob a égide da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP-PR) - 2003/09 - e do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, Brasília/DF) - 2009/13 -, começaram a decrescer de tal ordem, que o déficit da balança de pescado projetado para 2013 é da ordem de US\$ 1,2 bilhão. Isso, a despeito do pomposo plano Safra da Pesca e Aquicultura (R\$ 4,3 bilhões), lançado pela presidente Dilma e pelo ministro Marcelo Crivella em outubro de 2012, com o objetivo de dobrar a produção de pescado do Brasil, mas que na realidade, pela falta de uma apropriada política e a indispensável competência para aplicar os referidos recursos, o que cresceu mesmo foram as importações, que de janeiro a agosto de 2013 já atingiram 287.035 toneladas/US\$ 970,6 milhões, o que corresponde a um incremento de 18% em relação ao mesmo período de 2012.

Para compreender melhor a dimensão das perdas de oportunidades que estamos reclamando, basta comparar o desempenho da carcinicultura brasileira com a equatoriana, que contando com apenas 600 km de costa, explorou 180 mil hectares de viveiros, tendo produzido 300 mil toneladas, com exportações de 204.621,8 toneladas e captação de US\$ 1,13 bilhão de divisas em 2012. Enquanto o Brasil, que em 2003, havia produzido e exportado mais camarão cultivado do que o Equador, depois de criar um Ministério da Pesca e Aquicultura, explora pouco mais de 20 mil hectares de viveiros de camarão e, teve sua produção reduzida de 90.190 (2003) para 75.000 toneladas (2012), enquanto suas exportações despencaram de 58.455 toneladas/US\$ 226,0 milhões, para zero em 2012.

Ao considerar as vantagens comparativas das excepcionais potencialidades naturais do Brasil em relação ao Equador, associadas à razoável infraestrutura básica e privilegiada localização geográfica, tendo ainda presente, que tanto o camarão brasileiro como o equatoriano foram afetados pela ação *anti-dumping* (Estados Unidos) e pela crise cambial (mundial), fica latente o diferencial dos apoios concedidos por um e outro país aos seus segmentos de carcinicultura.

Evidentemente que pela importância do mercado internacional de camarão (1.958.760 toneladas e US\$ 14,93 bilhões) em 2011, aliado ao atual momento de dificuldades confrontadas pela carcinicultura asiática, em decorrência de uma nova doença – a Síndrome da Mortalidade Súbita (EMS), que afeta a produção de camarão cultivado da China, Tailândia, Vietnã e Malásia, de tal ordem, que já projeta uma redução de 400.000 toneladas na produção em 2013. Portanto, ampliam e renovam as oportunidades para que o camarão cultivado no Brasil retorne ao vantajoso mercado Internacional, de forma especial ao mercado Europeu.

Nesse contexto, as primeiras exportações de camarão cultivado (153 toneladas e US\$ 1,1 milhão) do Brasil tiveram início em agosto, por meio de empresas como a Bomar Pescados e Complex, (CE), além da Potipora (RN), continuando em setembro e certamente se estenderão por todo o ano de 2013 e 2014. Sendo que, no primeiro momento, as mesmas foram direcionadas para a França e Espanha, mas vários outros países já manifestaram interesse em comprar camarão do Brasil, inclusive, os Estados Unidos, a China e a Coreia do Sul. Portanto, o desafio e as oportunidades para o camarão brasileiro estão lançadas, cabendo as lideranças setoriais, aos governos, a definição das estratégias para ampliar as bases produtivas e viabilizar o requerido crescimento da produção. ■

ITAMAR ROCHA
É PRESIDENTE DA ABCC
ABCCAM@ABCCAM.COM.BR